

# Nível do Crédito Bancário É o mais Alto desde 1995

Ernani Teixeira Torres Filho\*

29 de junho de 2006

O crédito ao setor privado no Brasil, quando comparado à experiência de outros países, apresentou, no período 1990-2006, duas características marcantes. A primeira foi a de ser escasso. O saldo dessas operações correspondeu, em média, a apenas 27% do Produto Interno Bruto (PIB). Esse indicador é muito inferior ao observado em economias em desenvolvimento de outros continentes. No Leste da Ásia e região do Pacífico, essa taxa foi de 72% e, no Oriente Médio e Norte da África, atingiu 43%. A taxa brasileira é, no entanto, semelhante à média de 28% verificada nas economias da América Latina nos anos 90.<sup>1</sup>

Outra característica do crédito brasileiro foi sua elevada volatilidade. Como se pode ver no gráfico, entre junho de 1988 e junho de 2006, a proporção entre os saldos das operações de crédito com o setor privado e o PIB raramente superou 30%. Em seu pior momento, chegou, no início dos anos 90, a atingir níveis inferiores a 15%.

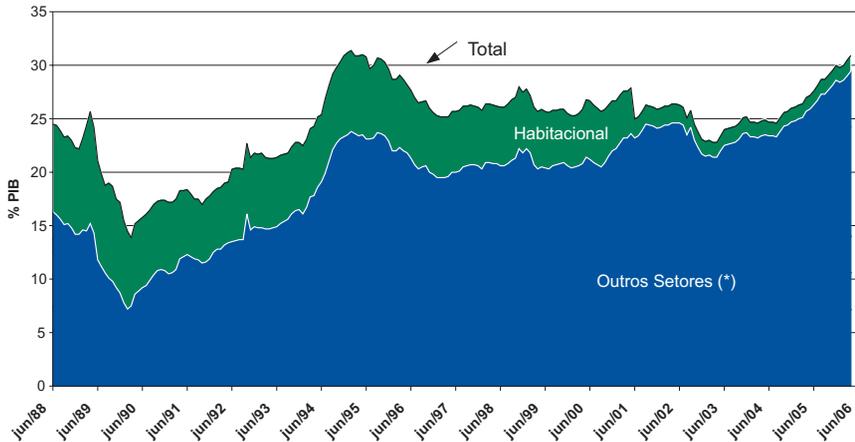
Em termos internacionais, a volatilidade apresentada pelo crédito brasileiro foi de magnitude elevada, somente comparável, nos anos 90, à de outros países latino-americanos e do leste europeu. Há, no entanto, uma diferença básica entre estes dois grupos. No primeiro grupo, no qual está incluído o Brasil, predominaram os choques macroeconômicos de natureza externa. Nos países do leste europeu, foram mais relevantes os choques internos, em boa medida associados à transição que esses países atravessaram em direção à economia de mercado.

---

\* Superintendente da Secretaria de Assuntos Econômicos do BNDES.

<sup>1</sup> Ver "Libertar o Crédito", Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2005.

## Gráfico Evolução do Crédito ao Setor Privado



Fonte: Banco Central do Brasil.  
\*Inclui Indústria, Comércio, Serviços e Pessoa Física.

O gráfico revela que, em termos de volatilidade do crédito, a economia brasileira atravessou três fases distintas desde 1990. A primeira, que se estendeu até 1995, foi caracterizada por movimentos muito intensos de expansão e contração, decorrentes da implementação de planos de estabilização e da aceleração da inflação.

Na segunda fase, que reúne os anos que se seguiram à estabilização, a economia brasileira vivenciou sucessivos choques, principalmente de origem externa. A expansão verificada a partir de 1996 foi detida pelas crises da Ásia (1997) e da Rússia (1998). Esta última, por sua vez, precipitou a desvalorização cambial de 1999.

Como resultado, o crédito apresentou um desempenho global nitidamente contracionista, particularmente entre 1995 e 1997. Os anos seguintes foram caracterizados por flutuações até meados de 2000, quando se iniciou uma recuperação, centrada no crédito a Pessoa Física. Este movimento ascendente foi, no entanto, abortado em 2002 por um choque relacionado ao processo eleitoral daquele ano.

O impacto da crise de 2002 foi substancial. Entre novembro de 2002 e março de 2003, o crédito total ao setor privado com relação ao PIB chegou a recuar 3,6 pontos percentuais – de 26,2% em novembro de 2001 para um mínimo de 22,6% em março de 2003.

Desde então, teve início a terceira fase, caracterizada pelo mais longo ciclo expansionista de crédito dos últimos 10 anos. Em maio de 2006, o crédito ao setor privado havia atingido 31% do PIB. Trata-se do nível mais elevado de que se tem registro desde 1995.

Essa comparação, no entanto, não leva em conta que o crédito à habitação sofreu um profundo ajuste patrimonial nesse período. Houve a transferência da Caixa Econômica Federal para o Tesouro Nacional das operações inadimplentes oriundas do antigo Sistema Financeiro da Habitação. Esta operação fez com que, de um momento para o outro, deixasse de constar da estatística do crédito ao setor privado um volume substancial de operações. Este ajuste – e não um movimento contracionista – é o que explica a redução observada de 4,4% para 1,9% do PIB entre maio de 2001 e junho de 2001 nos saldos destinados à habitação.

A eliminação do crédito habitacional da amostra (ver gráfico) revela uma perspectiva ainda mais favorável do atual cenário do mercado de crédito. Graças à continuidade do processo de expansão que se iniciou em 2003, o Brasil atingiu em maio de 2006 o mais elevado nível de crédito com relação ao PIB desde 1990.

Esse novo ciclo (2003-2006) foi, como se pode ver na tabela, centrado no aumento do crédito às pessoas físicas. Este segmento isoladamente respondeu por quase 60% do crescimento total dos financiamentos ao setor privado, ou seja, 5,2 pontos percentuais do PIB em um total de 8,3 pontos.

Essa melhoria no crédito não ficou, no entanto, restrita às pessoas físicas, tendo decorrido também de uma generalização do processo expansivo. Todos os demais setores deixaram para trás o quadro contracionista dos anos anteriores. Os setores comercial, rural, habitação e de serviços contribuíram positivamente

para que o crescimento do mercado fosse superior ao do PIB. O crédito à indústria também cresceu, mas à mesma taxa da economia, mantendo uma posição de estabilidade.

**Tabela**  
**Contribuição ao Aumento do Crédito do Sistema Financeiro ao**  
**Setor Privado\***  
**(Em percentual do PIB)**

Período	Indústria	Habitação	Rural	Comércio	Pessoas Físicas	Outros Serviços	Total Setor Privado
1995-2002	-1,0	-6,2	-1,3	-1,7	2,3	-0,1	-8,0
2003-2006**	0,0	0,1	1,2	0,9	5,2	0,9	8,3
1995-2006**	-1,0	-6,1	-0,1	-0,8	7,5	0,8	0,3

*Fonte: Banco Central do Brasil (Elaboração Própria).*

*\*Crédito das Instituições Financeiras.*

*\*\*Até maio de 2006.*

As perspectivas são de que o atual processo expansionista do crédito se sustente nos próximos anos. Isto decorre da existência de grandes diferenças entre o cenário econômico atual e os anteriores. O elemento novo mais importante é a existência de um quadro externo mais favorável. O endividamento externo e o Risco Brasil são hoje substancialmente menores que no passado e a tendência é que devam melhorar ainda mais. A fragilidade externa, principal determinante da volatilidade do crédito no passado, foi substancialmente reduzida.

Outro elemento que deve impulsionar o crédito no futuro imediato é a taxa de juros. Com a inflação sob controle e dentro da meta, a expectativa é de manutenção da política de redução dos juros nos próximos meses. Na medida em que isso ocorra, a demanda de crédito para as pessoas físicas e para habitação deve aumentar ainda mais.